

MIA COUTO

O último voo do flamingo

20^a reimpressão



COMPANHIA DAS LETRAS

Sumário

1. Um sexo avultado e avulso	13
2. A missão de inquérito.....	21
3. Uma mulher escamosa	33
4. Apresentação do falador da estória.....	43
5. A explicação de Temporina	55
6. Primeiro escrito do administrador.....	71
7. Uns pós na bebida (fala de Deusqueira)	79
8. A ventoinha fálica	89
9. O desmaio.....	97
10. Os primeiros rebentamentos	107
11. O primeiro culpado	117
12. O pai sonhando frente ao rio parado.....	129
13. A última tontura do moço tonto	141
14. Fala do feiticeiro Andorinho.....	149
15. A árvore do tamarindo.....	157
16. O regresso dos heróis nacionais.....	165
17. O passarinho na boca do crocodilo	173
18. A manuscrita voz de Sulplício	183
19. As revelações	191
20. Os estranhos filhos dos antepassados.....	201

Uma terra engolida pela terra.....	209
Glossário	221
Palavras proferidas por Mia Couto na entrega do Prémio Mário António, da Fundação Calouste Gulbenkian, em 12 de junho de 2001	223

Fui eu que transcrevi, em português visível, as falas que daqui se seguem. Hoje são vozes que não escuto senão no sangue, como se a sua lembrança me surgisse não da memória, mas do fundo do corpo. É o preço de ter presenciado tais sucedências. Na altura dos acontecimentos, eu era tradutor ao serviço da administração de Tizangara. Assisti a tudo o que aqui se divulga, ouvi confissões, li depoimentos. Coloquei tudo no papel por mando de minha consciência. Fui acusado de mentir, falsear as provas de assassinato. Me condenaram. Que eu tenha mentido, isso não aceito. Mas o que se passou só pode ser contado por palavras que ainda não nasceram. Agora, vos conto tudo por ordem de minha única vontade. É que preciso livrar-me destas lembranças como o assassino se livra do corpo da vítima.

Estávamos nos primeiros anos do pós-guerra e tudo parecia correr bem, contrariando as gerais expectativas de que as violências não iriam nunca parar. Já tinham chegado os soldados das Nações Unidas que vinham vigiar o processo de paz. Chegaram com a insolência de

qualquer militar. Eles, coitados, acreditavam ser donos de fronteiras, capazes de fabricar concórdias.

Tudo começou com eles, os capacetes azuis. Explodiram. Sim, é o que aconteceu a esses soldados. Simplesmente, começaram a explodir. Hoje, um. Amanhã, mais outro. Até somarem, todos descontados, a quantia de cinco falecidos.

Agora, pergunto: explodiram na inteira realidade? Diz-se, em falta de verbo. Porque de um explodido sempre resta alguma sobra de substância. No caso, nem resto, nem fatia. Em feito e desfeito, nunca restou nada de seu original formato. Os soldados da paz morreram? Foram mortos? Deixo-vos na procura da resposta, ao longo destas páginas.

(Assinado: O tradutor de Tizangara)